

# **Construindo novas narrativas significativas na vida e na educação**

**José Moran**

Professor da USP e pesquisador de inovações na educação

[www2.eca.usp.br/moran](http://www2.eca.usp.br/moran)

MORAN, José. Construindo novas narrativas significativas na vida e na educação. In: PORTO, Ana Paula Teixeira; SILVA, Denise Almeida; PORTO, Luana Teixeira. *Narrativas e mídias na escola*. Frederico Westphalen: URI, 2014. p. 43-58. (Série novos Olhares, v. 7)

## **Resumo:**

**Passamos, em duas décadas, de consumidores da grande mídia para “prosumidores” – produtores e consumidores- de múltiplas mídias, de múltiplas plataformas e formatos para acessar informações, publicar nossas histórias, sentimentos, reflexões e nossa visão de mundo. Somos o que escrevemos, o que postamos, o que “curtimos”. Neles expressamos nossa caminhada, valores, visão de mundo, nossos sonhos e limitações.**

**Construímos nossas histórias pessoais, nossos projetos de vida num rico fluir de passagens e linguagens entre os diversos espaços físicos e digitais, que se entrecruzam, superpõem e integram incessantemente.**

**Na escola não valorizamos devidamente o saber construído pelos alunos, que se visibiliza nas narrativas fluidas de múltiplos conhecimentos, práticas, individuais e em redes. Um currículo aberto com metodologias ativas, mediação de professores competentes e tecnologias digitais, pode transformar a educação formal em aprendizagem viva, integradora, descobridora de novos sentidos para nossas histórias fragmentadas e contraditórias.**

**Palavras chave: Narrativas digitais, aprendizagem ativa, colaboração, personalização**

## **Introdução**

O que nos torna humanos é a capacidade de contar histórias, de imaginar, de olhar para o passado o presente e o futuro, reinterpretando-os, reelaborando-os, modificando-os. Cada um conta suas histórias, cada pessoa vive sua narrativa pessoal, colada como mosaico de muitos pedaços diferentes. Cada espaço do nosso cotidiano é um palco onde encenamos nossa vida, que nos orienta sobre o que valorizamos e comunica aos demais o que para cada um de nós é relevante. Pelas narrativas visualizamos - primeiro para nós e depois para os demais – como percebemos o mundo, nossas sínteses provisórias, nossos sonhos, desejos e frustrações.

Toda nossa herança cultural está contada como narrativas, histórias, algumas que tentam retratar a realidade (histórias de Guerras Gregas, como o historiador Tucídides, na Grécia Antiga), ou ensinar a viver, como as histórias religiosas (as diversas narrativas organizadas em livros do Antigo e Novo Testamento e em tantas outras histórias paralelas), histórias literárias (Ilíada, Odisseia....) até os romances, contos e filmes de hoje.

Aprendemos desde pequenos com histórias que nossos pais nos contavam, que depois líamos nas revistas, livros, ouvíamos no rádio, olhávamos na TV. Com a Internet, principalmente, na segunda fase, na chamada WEB 2.0, houve uma explosão de possibilidades inimagináveis antes de registro, divulgação e compartilhamento de todo tipo de histórias e narrativas. Cada um pode ser autor, coautor, divulgador, comentador de múltiplas histórias pessoais, grupais, sociais.

Na década de 90, na primeira fase da Internet, algumas pessoas criavam suas páginas e nelas contavam o que era relevante para elas. Era como uma vitrine, em que expunham suas ideias e quem se interessasse visitava e se apropriava.

O blog foi o primeiro espaço de divulgação pessoal da WEB, que tornou cada criança, jovem ou adulto protagonista da divulgação das suas histórias. Quem quer contar alguma coisa, é só querer. Não dependemos da aprovação de um comitê, de uma instituição (família, escola, religião, governo) para poder divulgar nossas ideias.

O blog continua um meio importante de contar o que nos parece relevante em algum campo. Muitas pessoas têm blogs diferentes para diversas narrativas diferentes e papéis diferentes. Ele permite a colaboração e coautoria, mas a partir de um ponto de vista principal, o do responsável pelo blog.

Portais de vídeos como o YouTube facilitaram imensamente o acesso a múltiplas narrativas audiovisuais de terceiros, mas principalmente possibilitaram que quem quisesse contar suas histórias, criasse seu próprio canal e postasse seus vídeos ou de terceiros que achasse mais convenientes. Cada um pode ser seu canal de televisão, pode ser (sozinho ou em grupo) um jornalista, um DJ, um autor e ator de histórias cômicas, de novelas, de ficção, etc. Quem quer dizer algo, tem múltiplos canais. E as avaliações dos usuários dessas produções (número de estrelas...) conferem maior ou menor relevância ao que mostramos e o visibiliza mais, o destaca mais, na busca (embora haja destaques também pela publicidade, pelo pagamento para aparecer).

Nos últimos anos, a explosão das redes sociais – principalmente do Facebook - criou uma narrativa contínua, fluida, embriagadora de textos, imagens, vídeos, comentários, remixagens, republicações, de aprovações e desaprovações (“gostei”, “não gostei”), que nos envolve em um fluir permanente, sinfônico, multifacético e polissêmico. Quem vive conectado entrelaça mil pedaços, fragmentos através da costura do nosso olhar, do nosso teclado, do nosso falar. Falas, textos, imagens, charges, vídeos se alternam ininterruptamente, construindo narrativas fluidas e efêmeras, mas que vão construindo percursos, narrativas incessantes, que fazem sentido a partir do nosso olhar, da nossa percepção, das nossas escolhas previsíveis (de mensagens, pessoas e grupos).

Passamos em duas décadas de consumidores da grande mídia para “prosumidores” – produtores e consumidores- de múltiplas mídias, de múltiplas plataformas e formatos para acessar informações, publicar nossas histórias, sentimentos, reflexões e nossa visão de mundo. Somos o que escrevemos, o que postamos, o que “curtimos”. Neles expressamos nossa caminhada, valores, visão de mundo, nossos sonhos e limitações.

Numa perspectiva mais ampla, está se quebrando o monopólio da idade industrial em que as profissões eram referendadas pelas competências formas adquiridas (diplomas) e por pertencer a categorias profissionais definidas (advogado, médico, engenheiro, professor). Hoje quem tem algo a ensinar, tem portais prontos para poder fazê-lo, com integração com sistemas de pagamento digitais (se quiser cobrar). Isto é, qualquer um pode ser professor, neste sentido mais amplo. Todos ensinamos e aprendemos o tempo todo, de forma muito mais livre, em grupos mais ou menos informais, abertos ou monitorados. Infelizmente muitos só navegam na superficialidade dos acontecimentos, sem construir um sentido mais profundo para sua existência. Não basta estar conectado para aprender o essencial.

Nos últimos vinte anos se alterou radicalmente a configuração das mídias. Continuamos com os grandes grupos empresariais de comunicação, mas convivendo com um ecossistema de nós, redes, grupos extremamente diversificados e dinâmicos, que se alimentam das mídias convencionais e as alimentam também, numa simbiose, imbricação e desdobramentos impensáveis há pouco tempo.

### **Os múltiplos espaços de construção das nossas histórias de vida**

Uma das maiores maravilhas da linguagem é sua capacidade de criar realidades imaginárias, isto é, coisas que só existem nas nossas mentes, mas que interferem e definem nossas vidas em todos os planos. Pela linguagem (linguagens – porque são muitas) dou vida ao que percebo, sinto, desejo, ensino. É pela linguagem que me defino como pessoa: este texto expressa minha síntese de percepção, a acumulação de experiências, mas também as lacunas na minha formação e o olhar que me define como alguém diferente dos demais.

O que mudou radicalmente nos últimos anos é a possibilidade de inserção de cada um de nós, independentemente de onde moremos, em múltiplos ambientes, espaços físico-digitais de pesquisa, troca, convivência, autoria, e compartilhamento com quem está próximo e distante. O local onde cada um mora continua tendo uma influência grande em hábitos, valores, comportamentos. Mas de forma menos marcante que antes. O fato de morar numa aldeia ou numa grande cidade costuma ter expressões diferentes em muitos aspectos da vida, mas não necessariamente nem em todos os campos. Quem mora num pequeno povoado, se está conectado, tem acesso ao mesmo mundo digital feérico de quem mora nas principais capitais do mundo. Acessa ao mundo complexo, dinâmico e vivo, que se justapõe e combina com o das relações primárias, de vizinhança, de controle das pessoas próximas, mas não o impede de conviver com inúmeros grupos, pessoas, informações, histórias muito diferentes dos que têm ao lado. Isso é muito novo e terá profundas consequências a longo prazo, na mudança de valores, hábitos, formas de aprender e de empreender. O universo digital – do online e do

audiovisual - tem uma importância decisiva na constituição de nossa identidade e aprendizagem.

Cada um de nós, esteja onde estiver, vai construindo um rico tecido de trocas com grupos próximos fisicamente e próximos emocionalmente pela comunhão digital. Construimos nossas histórias pessoais, nossos projetos de vida nesse rico fluir de passagens entre os diversos espaços físicos e digitais, que se entrecruzam e sobrepõem incessantemente. Estamos com alguém ao nosso lado e com outras pessoas que nos chamam, enviam mensagens, nos encontram no Twitter ou no "Face". Através desses múltiplos entrelaçamentos contínuos de pessoas e histórias, locais e digitais, estamos construindo fluidamente nossas aprendizagens, nossa identidade, nossos valores na busca e construção de um projeto de vida que faça sentido. Nossa vida é uma narrativa dinâmica com enredo fluido, costurado com fragmentos das múltiplas histórias que vivenciamos e compartilhamos de diversas formas com alguns mais próximos física e digitalmente. Nesta narrativa em construção, nossa vida adquire mais sentido, quando conseguimos perceber alguma coerência, alguns padrões importantes, junto com algumas descobertas iluminadoras. Construimos a vida como uma narrativa, com enredos múltiplos, com diversos atores internos e externos, que se explicita nessa troca incessante de mensagens, vivências e saberes. Aprendemos mais e melhor quando encontramos significado para o que percebemos, somos e desejamos, quando há alguma lógica nesse caminhar - no meio de inúmeras contradições e incertezas - que ilumina nosso passado e presente e orienta nosso futuro.

### **A educação como construção de narrativas pessoais e grupais significativas**

A educação no sentido mais amplo é aprender - e ajudar a que outros aprendam pela comunicação e compartilhamento - a construir histórias de vida, que façam sentido, que nos ajudem a compreender melhor o mundo, aos demais e a nós mesmos; que nos estimulem a evoluir como pessoas, a fazer escolhas, nos libertem das nossas dependências e nos tornem mais produtivos e realizados em todos os campos, como pessoas e cidadãos.

Bruner mostra que as narrativas são linguagens que contribuem para tornar significativa a aprendizagem na vida dos estudantes através da interação pela reelaboração das diversas experiências. (BRUNER, 2001).

A educação de qualidade nos ajuda a construir histórias relevantes. A pessoa motivada para aprender consegue evoluir mais e desenvolver um projeto de vida mais significativo. Por isso, além de saber contar histórias e estimular os alunos a que contem suas histórias, o fundamental é que os ajudemos a perceber que a vida é uma grande história que vale a pena ser vivida e que a vamos construindo em capítulos sucessivos: como crianças, jovens, adultos e idosos. Isso amplia enormemente o potencial motivador para viver, e facilita a percepção de que, no meio de múltiplas pequenas histórias, estamos construindo uma narrativa silenciosa que as integra em uma sequência significativa. Costumamos dar muita mais ênfase a conteúdos específicos do que à construção desta narrativa integradora de vida. O projeto de vida é a grande história que precisa ser estimulada em cada aluno pelos adultos.

Na educação escolar partimos de um saber formal pronto e não damos o devido valor ao saber construído pelos alunos, que se expressa em como cada um navega pelas informações, experiências, práticas e as estrutura, reelabora a partir de múltiplos textos que constituem narrativas, histórias. Ivor GOODSON pesquisa há anos as histórias de vida como processos de aprendizagem: “Ver a aprendizagem como algo ligado à história de vida é entender que ela está situada em um contexto, e que também tem história – tanto em termos de histórias de vida dos indivíduos e histórias e trajetórias das instituições que oferecem oportunidades formais de aprendizagem, como de histórias de comunidades e situações em eu a aprendizagem informal se desenvolve” (GOODSON, 2007, p 250). O currículo e a aprendizagem são narrativas que também se constroem no percurso, em contraposição às narrativas prontas, definidas previamente nos sistemas convencionais de ensino.

Nesta visão da aprendizagem como narrativas que se constroem no processo, é importante destacar a importância de equilibrar a construção coletiva, fruto de múltiplas formas de colaboração em diversos grupos, e a personalizada, em que cada um percorre roteiros diferenciadores. A aprendizagem acontece no movimento fluido, constante e intenso entre a comunicação grupal e a pessoal, entre a colaboração com pessoas motivadas e o diálogo de cada pessoa consigo mesma, com todas as instâncias que a compõem e definem.

O diálogo pessoal constante e atento mantém os canais abertos para a intuição, para uma percepção mais ampla e acurada, para mapear melhor o que pode ajudar-nos e enriquecer-nos como pessoas, para iluminar sentidos obscuros, rever crenças inadequadas, superadas, simplistas e poder descartá-las. Aprender a relacionar melhor, a aprofundar as informações relevantes, a tecer costuras mais complexas, navegar entre as muitas ondas que atravessamos. Num mundo tão agitado, de múltiplas linguagens, telas e efervescências, aprender a refletir e focar é decisivo para ter maior riqueza interior, profundidade de visão e comunicação criadora.

É na síntese dinâmica da aprendizagem personalizada e colaborativa que desenvolvemos todo o nosso potencial como pessoas e como grupos sociais, ao enriquecer-nos mutuamente com as múltiplas interfaces do diálogo dentro de cada um, alimentando e alimentados pelos diálogos com os diversos grupos nos quais participamos, com a intensa troca de ideias, sentimentos e competências em múltiplos desafios que a vida nos oferece.

A sociedade é cada vez mais dinâmica e as interconexões também. Tudo está interligado, aprendemos continuamente uns com os outros, juntos fisicamente ou conectados, com diferentes grupos com os que nos relacionamos. A aprendizagem contínua, ao longo da vida e em múltiplos grupos e redes – físicas e digitais – é uma das características marcantes da atualidade.

As tecnologias “propiciam a reconfiguração da prática pedagógica, a abertura e plasticidade do currículo e o exercício da coautoria de professores e alunos. Por meio da mediação das tecnologias de informação e comunicação, o desenvolvimento do currículo se expande para além das fronteiras espaços-temporais da sala de aula e das instituições educativas; supera a prescrição de conteúdos apresentados em livros, portais e outros materiais; estabelece ligações com os diferentes espaços do saber e acontecimentos do cotidiano; e torna públicas as experiências, os valores e os conhecimentos, antes restritos ao grupo presente nos espaços físicos, onde se realizava o ato pedagógico”. (ALMEIDA & VALENTE, 2012)

As múltiplas formas de colaboração, hoje, entre pessoas próximas e conectadas, com dispositivos móveis, possibilitam a aceleração da aprendizagem individual, grupal e social, pelas múltiplas articulações, interligações, narrativas, desdobramentos, em todos os campos, atividades e situações em que nos envolvemos, discutimos, atuamos e compartilhamos. O compartilhamento gera aprendizagens e produtos muito mais rápida, barata e inovadora do que até agora.

Os movimentos de *crowdsourcing* - modelos abertos de produção e resolução de problemas online - são a expressão mais visível da riqueza de projetos que se tornam viáveis, concretos, pela colaboração. O *crowdsourcing* bem planejado e executado agiliza a geração de ideias novas, reduz o tempo de investigação, com custos muito inferiores aos convencionais, porque combina diferentes expertises e competências através do compartilhamento em rede.

Muitas pessoas partilham conhecimentos e recursos que lhes permitem criar uma vasta gama de bens e serviços que qualquer um pode usar e modificar. Os movimentos de aprendizagem com recursos abertos, de utilização de ambientes digitais compartilhados estão comprovando com múltiplas iniciativas concretas - como a Wikipedia, Cursos Massivos Online (Moocs) - que quando mais colaboramos mais aprendemos e mais soluções criamos para a sociedade. Aplicativos como o *Waze* mostram a importância do compartilhamento das informações online para a atualização do trânsito, o que reorienta as escolhas dos roteiros de viagem individuais e também os da cidade como um todo, modificados dinamicamente pelo compartilhamento.

A aprendizagem acontece num ambiente social cada vez mais complexo, dinâmico e imprevisível. A colaboração nos ajuda a desenvolver nossas competências, mas também pode provocar-nos muitas tensões, desencontros, ruídos e decepções. A colaboração na aprendizagem se realiza em um espaço fluido de acolhimento e de rejeição, que nos induz a repensar as estratégias traçadas previamente, dada a diversidade, riqueza e complexidade de conviver em uma sociedade multicultural em rápida transformação.

A rapidez com que interagimos nos ajuda e nos complica. Nos ajuda a situar-nos, a atualizar-nos, a circular digitalmente, a visibilizar-nos em inúmeras possibilidades de expressão; mas também facilita a dispersão. É muito difícil concentrar-se, focar-se num tema específico por muito tempo. O acesso contínuo a redes sociais traz informações interessantes, mas tende a desviar-nos do objetivo inicial de um trabalho ou projeto, se não estivermos muito atentos.

As redes também mostram, com frequência, diferentes graus de narcisismo, dos banais ("selfies") até os doentios (exibicionismo exacerbado, necessidade incessante de aprovação). Muitas pessoas nas redes sociais buscam manter vínculos só com as que pensam igual, o que tende a reforçar preconceitos e dificultar mudanças.

Há muita colaboração com quem me confirma com "curtidas" e apoios e muito reforço mútuo para desacreditar – muitas vezes agressivamente – pontos de vista diferentes,

ideologias contrárias, sem ouvir, ler, comparar e fazer uma avaliação cuidadosa. Predomina o devir, a embriaguez do teclar, de postar, a busca pelo exótico, pelos vídeos mais bizarros, por ser aprovado pelos demais em detrimento de uma aprendizagem mais rica, abrangente e profunda. Acontece frequentemente nas redes sociais, como o Facebook ou Twitter, uma colaboração tão dinâmica quanto superficial, onde se “retuitam” textos e imagens tolos, sem tempo para uma avaliação prévia, sem medir os preconceitos arraigados, as agressões diretas ou indiretas e os danos que podem causar.

### **O educador como articulador de narrativas, tempos e espaços**

A educação é um processo rico, constante e profundo de intercomunicação entre todos os participantes – alunos, professores, gestores, famílias e os diversos entornos. Mesmo com tecnologias digitais, continua sendo importante a comunicação afetiva e de intensa comunicação entre pessoas incompletas, mas motivadas para evoluir, para completar-se, para apoiar-se, para superar-se, para libertar-se. A comunicação entre professores e alunos nos coloca frente a frente com narrativas diferentes, com muitas histórias de vida, com várias metáforas de visualizar e representar o mundo. Essas histórias pessoais compartilhadas nos ajudam a iluminar nossa trajetória, dificuldades e sonhos. O clima de acolhimento, de confiança, incentivo e colaboração são decisivos para uma aprendizagem significativa e transformadora.

O professor é um comunicador, curador de conteúdos, um mediador entre pessoas diferentes que ajuda a que todos consigam desenvolver as competências e conhecimentos esperados, no ritmo e da forma mais adequada para cada um. A comunicação hoje é bidirecional e multidirecional: O professor fala com todos, todos falam com ele e entre si e cada aluno pode falar com o outro. É uma comunicação múltipla, diversificada, flexível, muito rica e cheia de surpresas, porque cada interação modifica a resposta seguinte, cada contribuição. A novidade da comunicação é que cada vez é mais misturada, blended, parte em um mesmo espaço físico e parte em ambiente virtual. Há comunicações que se fazem frente a frente fisicamente e outras frente a frente virtualmente; umas em tempo real (físico ou virtual) e outras em tempos diferenciados (offline).

O mundo digital é muito rico em informações, materiais, atividades disponíveis para acesso de qualquer lugar. Isso é muito positivo e atraente, principalmente para os que moram longe das grandes cidades. Nunca tivemos tantas possibilidades de informação e comunicação. Basta observar como muitas pessoas com um celular na mão trocam mensagens com terceiros, mesmo em espaços de convivência social. A educação hoje precisa equilibrar o contato físico e o virtual, as atividades lúdicas com as mais estruturadas, as atividades mais exploratórias com as mais focadas, concentradas, a colaboração e a individualização.

O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um

espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente. Por isso a educação formal é cada vez mais blended, misturada, híbrida, porque não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano, que incluem os digitais. O professor precisa seguir comunicando-se face a face com os alunos, mas também digitalmente, com as tecnologias móveis, equilibrando a interação com todos e com cada um.

O digital facilita e amplia os grupos e comunidades de práticas, de saberes, de coautores. O aluno pode ser também produtor de informação, coautor com seus colegas e professores, reelaborando materiais em grupo, contando histórias (story telling), debatendo ideias num fórum, divulgando seus resultados num ambiente de webconferência, num blog ou página web.

Essa mescla, entre sala de aula e ambientes virtuais é fundamental para abrir a escola para o mundo e para trazer o mundo para dentro da escola. Uma outra mescla, ou blended é a de prever processos de comunicação mais planejados, organizados e formais com outros mais abertos, como os que acontecem nas redes sociais, onde há uma linguagem mais familiar, uma espontaneidade maior, uma fluência de imagens, ideias e vídeos constante.

As tecnologias WEB 2.0, gratuitas, facilitam a aprendizagem colaborativa, entre colegas, próximos e distantes. Cada vez adquire mais importância a comunicação entre pares, entre iguais, dos alunos entre si, trocando informações, participando de atividades em conjunto, resolvendo desafios, realizando projetos, avaliando-se mutuamente. Fora da escola acontece o mesmo, a comunicação entre grupos, nas redes sociais, que compartilham interesses, vivências, pesquisas, aprendizagens. Cada vez mais a educação se horizontaliza e se expressa em múltiplas interações grupais e personalizadas. O professor também interage com todos e cada um dos alunos, como articulador entre sua história pessoal e as diversas histórias que se interligam num grande mosaico, que mostra narrativas que fazem cada vez mais sentido, que ajudam a visibilizar o que estava confuso e que iluminem os projetos futuros de cada um como pessoas e cidadãos.

## **Conclusão**

Pela comunicação pessoal e grupal abertos podemos construir – nos espaços educacionais formais e informais – narrativas ricas, libertadoras, que tornem mais visíveis nosso conhecimento, sentimentos, valores. Um currículo aberto com metodologias ativas, com a mediação das tecnologias digitais e de professores experientes, pode transformar a educação formal em aprendizagens vivas, integradoras, descobridoras de novos sentidos para nossas histórias fragmentadas e contraditórias. Quando focamos a aprendizagem de cada aluno – sozinhos e em grupo – ajudamos a tornar mais perceptível como construímos um sentido para nossas diferentes histórias; como elaboramos nossa grande narrativa - que explicita as tensões entre os sonhos e as realizações- os roteiros que nos definem como pessoas diferentes, alimentados por sonhos, realizações e desencontros em todos os campos pelos quais transitamos.



## Bibliografia

ALMEIDA, M. E. & VALENTE, J. Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 3, p. 57-82, Set/Dez 2012

BRUNER, J. **A Cultura da Educação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

BUZATO, M. Letramentos digitais, apropriação tecnológica e inovação. In **III Encontro Nacional sobre Hipertexto. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais/g-l/letramentos-digitais-apropriacao-tecnologica.pdf>. Acesso em setembro de 2014.

JESUS, A. G. Narrativas digitais: uma abordagem multimodal na aprendizagem de inglês. 2010. Mestrado em Educação. Universidade do Minho, Braga. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/14496>. Acesso em: setembro de 2014.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5ª Ed. Campinas: Papirus, 2014.

MORAN, J., MASETTO, M. & BEHRENS, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21ª ed. Campinas: Papirus, 2014.

REGUILLO, Rossana. Navegaciones errantes. De músicas, jóvenes y redes: de Facebook a Youtube y viceversa. **Comunicación y Sociedad**, Guadalajara, Mx, no.18, julho-dezembro, 2012.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. Lisboa: Moraes Editores, 1984.

SIEMENS, George. Connectivism: A learning theory for the digital age. **International Journal of Instructional Technology and Distance Learning**, 2005. 2:3-10. Disponível em <http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>.